

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

D O
Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura

IBECC

(Comissão Nacional da UNESCO)

Sede: Palácio Itamaraty - Rio de Janeiro, DF. - Brasil

HOJE É DOMINGO

Comunicação feita à Comissão Nacional de Folclore por
Fausto Teixeira, da Comissão Mineira de Folclore.

Há uma conhecida parlenda infantil que tem absorvido a atenção de diversos estudiosos de folclore, tanto do Brasil como de Portugal e outros países europeus. Dela colhemos duas versões - uma em Lavras (Minas Gerais), outra em Rio Claro (São Paulo) - , que nos ser virão de base para comparações com outras de diversas procedências e para ligeiros comentários.

A versão de Lavras assim se apresenta:

Hoje é domingo,
pé de cachimbo;
galo monteiro,
pisou na areia;
a areia é fina,
deu no sino;
o sino é de prata,
deu na Marta;
a Marta é valente,
deu no tenente;
o tenente é caolho,
furou o seu olho !

A versão colhida em Rio Claro apresenta-se diferente da de Lavras e de tôdas as outras que conhecemos, salvo nos dois primeiros versos:

Hoje é domingo,
pé de cachimbo;
o cachimbo é de barro,
bate no jarro;
o jarro é de ouro,
bate no touro;
o touro é valente,
bate na gente;
a gente é fraco,
cai no buraco;
o buraco é fundo,
seu vagabundo !

Pereira da Costa (1), estudando o folclore pernambucano, nos apresentou uma versão em que os seis primeiros versos, salvo o fato de principiar o primeiro por amanhã em vez de hoje, se identificam com os da versão lavrense; daí por diante a parlenda dela se difere um tanto:

.....
o sino é de ouro,
que dá no bezouro;
o bezouro é de prata,

que dá na mata;
 a mata é valente,
 aue dá no tenente;
 o tenente é mofino,
 que dá no menino;
 o menino é valente,
 que dá em tôda gente!

João Ribeiro (2), que fêz interessantes considerações sôbre esta parlenda, também registou uma versão, infelizmente sem a indicação de procedência. Nela vemos suprimidos os terceiro e quarto versos que aparecem nas versões de Lavras e de Pernambuco:

Amanhã é domingo,
 pé de cachimbo;
 a areia é fina,
 deu no sino;
 o sino é de ouro,
 deu na tórre;
 a tórre é de prata,
 deu na mata;
 a mata é valente,
 deu no tenente;
 o tenente é mofino,
 deu no menino;
 o menino é tolo,
 deu um tapa-ôlho !

No Norte do Brasil, João Ribeiro colheu uma variante que principia assim:

Hoje é sábado,
 pé de quiabo;
 depois é domingo,
 pé de cachimbo;

Evidentemente foi o pé de cachimbo das versões anteriores que sugeriu esse pé de quiabo da variante nortista. Não conhecemos nenhuma planta com o nome popular de pé de cachimbo, que pudesse sugerir, por analogia, o pé de quiabo; entretanto, é conhecida a leguminosa ornamental, canudo de pito que, conforme indica o seu nome, se presta à feitura de cachimbos e pitos, pelos seus ramos finos e ôcos. Tomando pé de cachimbo como planta (por analogia com canudo de pito), teria o brasileiro nortista criado o pé de quiabo? A possibilidade se nos afigura grande, quando sabemos que na Europa, onde a planta canudo de pito não é conhecida (pelo menos com esse nome), a parlenda não conta com esses versos antepostos na versão acima mencionada.

Mário de Andrade, colheu uma versão desta parlenda em Piracicaba (São Paulo) - incluída nos seus estudos sôbre "Medicina dos Excretos" -, muito semelhante à que colhemos em Rio Claro; aliás, esses municípios são vizinhos. Na sua versão encontramos:

Amanhã é domingo,
 pede cachimbo;

João Ribeiro (op. cit.), observando o fato de algumas variantes apresentarem pede em vez de pé de, comentou que "pé de cachimbo não é espécie botânica, e alude seguramente à liberdade do indivíduo, à fuga ou repouso do trabalho. Abalar os cachimbos é fugir, dar à perna." Lembra também que êste verso "pode não ter sentido algum; basta que seja uma rima para domingo."

Parece-nos uma opinião acertada, pois temos observado que em muitas parlendas infantis - principalmente em verso - certas palavras são colocadas apenas para efeito de rima, sem fazerem propriamente sentido. Nas versões portuguesas do continente e das ilhas, são encontrados os versos pé de cachimbo, pé de cachimbo (Madeira), pau de cachimbo e, raramente, pe de pingo (Elvas).

Quanto aos versos:

galo monteiro,
pisou na areia;

que aparecem nas versões de Lavras e Pernambuco, João Ribeiro procurou relacioná-los com os colhidos por Adolfo Coelho ("Jogos e rimas"), onde aparece um galo francês, com os de Vieira de Andrade ("Tradições populares do Douro"), que falam de um galo montez, e ainda com as variantes açorianas colhidas por Theophilo Braga ("Cancioneiro popular"):

1. o gato montez,
pica na rede;
a rede é miuda,
toca na tumba;
2. o gato montez,
pica na rez;
a rez é de barro,
repica no adro;

Podemos fazer mais algumas observações. Na versão pernambucana o sino é de ouro, que dá no bezouro; na de João Ribeiro, o sino também é de ouro, mas deu na torre, fazendo, certamente muito barulho, mas não rimando. Na de Lavras o sino já é de prata e deu na Marta. Aqui aparece uma tal de Marta que não encontramos em nenhuma das versões registradas; corresponde à mata, encontrada nas outras versões menos na de Rio Claro. A versão lavrense, neste ponto, é mais lógica do que a colhida por João Ribeiro e a de Pernambuco, pois os versos a mata é valente, deu no tenente, não formam sentido algum.

Em Lavras, o tenente dessa história é caolho e furou o seu (dê-le) ôlho; em Pernambuco ele passa a ser mofino e dá no menino, e este é valente, dando em toda gente. O mesmo não acontece na versão de João Ribeiro, em que o tenente também é mofino, mas o menino que apanhou não era valente, era tolo; entretanto deu um valente tapa-ôlho (com certeza foi no tenente), demonstrando que não era tão tolo como à primeira vista parecia...

B I B L I O G R A F I A

1. PEREIRA DA COSTA - "Folk-lore Pernambucano" - Livr. J. Leite - Rio-1908 - 641 págs.
2. RIBEIRO, João - "O Folk-lore" - Edit. Jacinto Ribeiro dos Santos - Rio - 1919 - 328 págs.